



SEÇÃO: APRESENTAÇÃO

Apresentação

Alva Martínez Teixeira¹

orcid.org/0000-0002-8156-7732
alvamartinez@campus.ul.pt

Paulo Ricardo Kralik

Angelini²

orcid.org/0000-0002-7096-0109
paulo.angelini@pucrs.br

Recebido em: 15/06/2021.

Aprovado em: 16/06/2021.

Publicado em: 18/08/2021.

Nestes tempos difíceis, apresentamos, com muita satisfação e contentamento, o primeiro número da revista *Navegações* de 2021, que integra 11 instigantes textos — nove artigos, uma resenha e uma entrevista —, que alargam o conhecimento e estimulam a reflexão sobre a *varia* e rica literatura escrita em língua portuguesa, do Romantismo aos nossos dias.

Neste novo número da revista, o leitor poderá encontrar, em primeiro lugar, seis ensaios e uma resenha, que focam a criação poética de diferentes perspectivas, compondo um painel original, mas representativo, da riqueza e diversidade da expressão poética em português.

Nesse sentido, o primeiro artigo, de Violante F. Magalhães, constitui uma novidade pelo caráter invulgar da leitura analítica da *inventio*, com intuídos poéticos, das vivências, experienciais e sentimentos expressos por crianças entre dois e seis anos, a partir de uma amostra esteticamente representativa de uns 50 poemas do milhar recolhido nos 17 volumes do *Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa*, publicados de 1990 a 2014 pelo Instituto Piaget.

Esse roteiro poético prossegue com o texto ensaístico de João Pedro Bellas, que revisita, de modo crítico, a singular apropriação do indianismo, com um viés levemente mais escuro do que o habitual, operada por Gonçalves Dias, partindo de certos parâmetros estetizantes e estilísticos do sublime que o poeta romântico aplicou *ad hoc*.

Por seu lado, Henrique F. Cairus e Sabrina Alves dos Santos revisitam a obra de Augusto dos Anjos, uma segunda grande figura do cânone brasileiro, centrando a análise na contundência estética com que, em modo vitalista, o escritor paraibano explorou o contraste poético-temático de um radical e, às vezes, mórbido cientifismo de efeitos modernizadores, no contexto das modas e dos modos literários da altura.

Ainda situados nos territórios das práticas poéticas brasileiras e dos seus relevantes devires, Mariane Pereira Rocha, Ariane Avila Neto de Farias e Ânderson Martins Pereira, partindo do pensamento de Benedict Anderson e Stuart Hall e da análise de quatro *exempla poemáticos concretos*, repensam, quer a presença problemática do conceito de nação e a ideia do nacionalismo, quer a contraditória dialética entre o



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

local e o global, no interior do decurso poético dos anos, *tout court*, (para)modernistas de Carlos Drummond de Andrade, na década de 1930.

Por sua vez, Rodrigo Corrêa Martins Machado, servindo-se dos produtivos alicerces teóricos, ligados ao experiencial interior, foca "alguns traços de guerra" presentes, em concreto, em dois (re) conhecidos poemas de outra das grandes figuras poéticas da modernidade em português, Jorge de Sena, examinando e ponderando criticamente os conflitos e combates, mais do que debates, com a própria expressão, com a *umana cosa* — também em sociedade — e, finalmente, com o decurso inexorável do tempo.

Os "textos em versos" — denominação de que a própria autora de *O canto dos escravizados*, a moçambicana Paulina Chiziane, se serve para caracterizar as peculiares narrativas que reúne esse livro — são lidos por Ana Rita Santiago, em modo descritivo-interpretativo e como vozes, brados e canções do e sobre o "antigamente", enfatizando uma compreensão desses textos como invenções de memórias do que se quer lembrado, mas que, também, deve ser esquecido, relacionado com a escravidão dos africanos nas Américas.

Continuando esta apresentação por grandes gêneros, encontramos o também invulgar contributo ensaístico, de Denise e Kleber Rocha, sobre a ficção em língua portuguesa, nomeadamente sobre a ficção goesa. O artigo, centrado no conto *Nāttak* (1963), de Vimala Devi, aproxima-nos, com rigor, ao âmbito cultural hindu da antiga colônia portuguesa do Índico. Para tal, utilizando a peripécia e a anagnórise aristotélica, assim como a ideação do incesto freudiana e do tabu de Lévi-Strauss, os autores estudam e analisam o ilícito relacionamento entre Zayú e Babú Candolcar, que nos é narrado com traços e personagens tradicionais, assim como as limitadoras consequências para os seus descendentes: Durgá e Tukaram.

Retomando a literatura brasileira, Graziela Almeida reexamina o, já clássico, romance de Autran Dourado *Ópera dos mortos*. Nesse sentido, valoriza a fulcral técnica machadiana da aparente terceira pessoa narrativa e, igualmente, a estética barroca e o pendor dramático de que parte, para examinar o pouco definido comportamento

da protagonista Rosalia e o seu incontornável e trágico destino, que, compartilhado com o conjunto dos integrantes do clã Honório Cota, devém significativa e eminentemente coral.

Na esteira da gradual relevância que, em geral, a ficção moçambicana e, em particular, a narrativa de Mia Couto têm adquirido no contexto da ficção africana em português, José Paulo Cruz Pereira foca a personagem de Diogo Santiago como narrador-autor de *O mapeador de ausências*, último edifício ficcional do paradigmático e célebre fabulador moçambicano. No artigo, é explicada — isto é, descoberta pelas sucessivas dobras —, com o auxílio dos olhares teóricos entrecruzados de Abraham, Butler, Derrida, Freud, Lambotte e Torok, a escrita conformada como *mise en abyme*, que faz coincidir o romance publicado por Couto e o escrito pela personagem Santiago, para recuperar as memórias da infância e se libertar de uma melancolia traumática, efetivando o necessário luto dos pais.

Finalmente, todos esses ensaios são complementados com dois diferentes contributos, que visam a diversa prática escritural de duas intelectuais de relevo: uma entrevista com a jornalista e curadora Joselia Aguiar, que, nos espaços de sombra entre o ficcional e o vital, revisita o devir do constructo Jorge Amado; uma resenha, que, no *hic et nunc* dos conturbados tempos que vivemos, avalia a mais recente versão da poeticidade engajada da professora universitária Márcia Barbosa.

É assim que, por um lado, a presença da reflexão acurada sobre a escrita poética dos ensaios, antes referidos, se completa com a exata resenha de Paulo Ricardo Kralik Angelini, a respeito da "palavra sangrada" do impactante volume *No faro das migalhas*, segundo dos publicados por Márcia Barbosa. A palavra poética que nos é apresentada, no brutal contexto da pandemia e nos contornos de um desatado neofascismo, (des)conforta, mas, também, se explica e explica, poetizando, com rigor expressivo, um presente brasileiro marcado por um forte desassossego.

Por outro lado, a entrevista de Fábio Varela Nascimento e Joselia Aguiar, realizada por e-mail, em novembro de 2020, foca alguns momentos

fulcrais da biografia de Jorge Amado e reflete sobre o modo biográfico, *ad personam* e em geral, abordando com a autora da premiada obra *Jorge Amado – uma biografia* (2018) diferentes questões metodológicas, vários espaços abertos à pesquisa e, finalmente, a complexa e controversa factualidade do mercado biográfico.

Enfim, se nos permitirem finalizar de maneira circular, em primeiro lugar, gostaríamos de destacar, mais uma vez, o interesse e variedade dos conteúdos reflexivos deste novo número da revista, para, a seguir, encerrar estas linhas de apresentação convidando à leitura e, mesmo, à releitura dos reflexivos e sugestivos textos que a seguir se reproduzem.

Alva Martínez Teixeira

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade da Corunha (UDC). Professora na Universidade de Lisboa (UL), em Lisboa, Portugal.

Paulo Ricardo Kralik Angelini

Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Paulo Ricardo Kralik Angelini
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Escola de Humanidades
Av. Ipiranga, 6681, prédios 8 e 9
Partenon, 90619-900
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Zeppelini Publishers e submetidos para validação do autor antes da publicação.